



DA ESCRAVIDÃO... À LIBERDADE DE FILHOS
OS FRUTOS DE UMA COMUNIDADE RENOVADA PELO ESPÍRITO

Caminho antropológico e espiritual para a liberdade de filhos.

*"A vida segundo o Espírito é uma vida no amor:
Não somos nós que nos tornamos capazes de amar,
mas na caridade que nos é dada pelo Espírito,
podemos amar-nos mutuamente."*
(Doc. XI Cap.)

Sexênio 2015-2021

Janeiro 2017

III Ficha

❖ Introdução

***Da escravidão à liberdade de filhos
para saborear os frutos de uma comunidade renovada pelo Espírito...***

É o percurso que desejamos fazer nesta Ficha de Formação Permanente, considerando as duas últimas temáticas da I Parte do Documento Capitular, que focaliza o tema da *fraternidade mística* na vida comunitária.

Damos portanto continuidade à reflexão iniciada nas Fichas precedentes, nas quais refletimos sobre a Comunidade como um dom que vem do alto, um lugar privilegiado onde viver a nossa identidade filial e as nossas relações fraternas como uma epifania da paternidade de Deus. Entendemos também que a fraternidade tem suas raízes profundas na confiança em Deus e no outro; mas para “deixá-Lo agir” é necessário superar o medo de morrer a nós mesmas e às exigências do nosso “eu”.

A presente Ficha dá continuidade a este tema, seguindo a intuição do Documento capitular que, à luz da Carta aos Gálatas, nos convida a *caminhar guiadas pelo Espírito que renova as nossas relações fraternas, liberta os nossos corações e produz em nós o fruto do amor*, sem contudo esquecer que *o tesouro da fraternidade se encontra em vasos de barro*. Esta consciência realista nos impede de cair no idealismo de uma comunidade isenta de conflitos em que as diferenças são camoufladas ou anuladas, ou no desânimo de quem pensa que a vida comum é a realidade mais difícil e dolorosa a enfrentar ao interno da vida consagrada, como se o problema se concentrasse somente na vida comunitária e não nas próprias dificuldades pessoais.

S. Paulo fala da “luta” que se trava no coração entre as forças que nos impelem a permanecer escravos do nosso eu egoísta, e a força nova do Espírito, que em Cristo nos torna livres para permanecermos livres!

Nesta Ficha daremos um espaço especial às palavras do Papa Francisco. Buscaremos aproximar o Documento Final do nosso Capítulo ao seu Magistério, sobretudo ao capítulo IV da Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*, onde o Papa toma em consideração o Hino ao Amor de S. Paulo (1Cor 13). Embora o texto seja dirigido aos casais e às famílias, veremos como os pontos de reflexão e os exemplos concretos que ilustram os desafios e as dificuldades do amor tocam muito de perto a nossa experiência de vida fraterna.

Papa Francisco é realista quando fala do amor fraterno, conhece os enganos que o ameaçam, mas sobretudo acredita e nos convida a confiarmos na força transformadora do Espírito, que nos torna capazes de amar.

“Sei por experiência que a vida comunitária nem sempre é fácil, mas é um terreno providencial para a formação do coração.”

“Não é realista pensar em viver sem conflitos: estes surgirão, assim como as incompreensões, e é necessário enfrentá-los. Mas apesar destas dificuldades, é na vida comunitária que somos chamados a crescer na misericórdia, na paciência e na perfeita caridade.”

(Papa Francisco às Religiosas da Coréia, 16 de agosto de 2014)

O documento do Capítulo (I parte, II.1) afirma com o mesmo realismo:

“A fraternidade se constrói com o tempo, mediante um caminho de libertação interior de cada uma, e passa inevitavelmente por momentos de dificuldade e conflito, nos quais cada uma deve medir-se com o risco de recair novamente nos laços do medo e da escravidão.”

“Existe uma luta entre as forças que nos mantém escravas do nosso eu egoísta, que tem medo de morrer e de perder-se, e as forças de vida e liberdade que Cristo nos doou através do seu Mistério Pascal. Somente o encontro com Cristo crucificado e ressuscitado, expressão máxima

da misericórdia do Pai, nos liberta e faz de nós comunidades renovadas no amor filial e fraterno.¹

Partindo desta realidade, o Capítulo nos propõe alguns **objetivos** e **caminhos** concretos para este sexênio². Citamos alguns para iniciar a nossa reflexão e para partilhar em comunidade:

II.3.1 **Construir e reconstruir a comunidade**, na qual possamos viver relações livres e abertas à ação do Espírito. Isso é possível na medida em que nos reconhecemos filhas amadas e continuamente liberadas pelo amor infinito e incondicional de Deus Pai, que Cristo nos revelou por meio da cruz.

"Cristo nos libertou" (Gál 5,1) e jamais se substitui mas se une a nós, orientando ao bem as nossas escolhas. É precisamente esta relação com Jesus que nos transforma e nos toca afetivamente. Se ainda não fizemos esta experiência profunda, devemos pedi-la na oração.

II.4.1 Ser fiéis à **oração pessoal e comunitária**, que nos abre ao dom do Espírito e à sua ação liberadora.

II.3.3 Afinar-nos na capacidade de **sintonizar a vida comunitária com a vontade de Deus**.

Isto nos ajuda a superar a luta que se desenvolve em nosso coração durante toda a vida entre dois princípios opostos: um conflito interior quede um lado nos leva a defender o nosso próprio eu, e de outro lado os valores. É importante tomar consciência desta dinâmica para cuidar em nós mesmas a liberdade que Cristo nos conquistou.

Também as nossas Constituições evidenciam o *fruto do amor que o Espírito produz numa Comunidade por Ele renovada*:

Const. 96. (A) Quando a comunidade é verdadeira comunhão fraterna:

- * tem a garantia da presença ativa de Cristo,
- * dá uma resposta de amizade às aspirações mais profundas do coração,
- * favorece o mais delicado respeito pela pessoa das Irmãs,
- * alimenta a criatividade apostólica,
- * harmoniza todos os membros na corresponsabilidade e no diálogo livre e aberto,
- * faz convergir os dons e valores de cada uma para os objetivos e empenhos comuns,
- * enriquece e faz amadurecer os seus membros na alegria prometida por Deus àqueles que vivem juntos na intimidade com Ele. "Eis como é bom e suave viver juntos como irmãos". (Sal 132, 1)

¹ "A comunhão é um dom oferecido que pede também uma resposta, um paciente exercício e um combate. [...] A comunidade sem mística não tem alma, mas sem ascese não tem corpo" (VFC, 23).

² Os "objetivos" e os "caminhos pedagógicos" do Doc. do Capítulo serão citados ao longo desta Ficha, a fim de que cada Comunidade possa refletir e encontrar modalidades para torná-los operativos na própria experiência, conscientes de que eles são como o "manual de viagem" para este sexênio que estamos vivendo.

Recordamos que a numeração nos ajuda a compreender qual é o capítulo a que nos referimos (em algarismos romanos), os objetivos (indicados com o nº 3) e os caminhos pedagógicos (nº 4). Ex: II.3.1 indica o primeiro objetivo do capítulo II.

❖ Indicações metodológicas

O material de reflexão desta ficha é abundante; por isso pode ser distribuído em vários encontros comunitários.

Propomos um esquema que poderá servir como orientação para os vários encontros, e sugerimos concluir a Ficha com uma breve avaliação e uma celebração.

Esquema para os encontros comunitários



❖ Ambiente:

Frutos do Espírito... em vasos de argila

Do Doc. Cap. [II.2]

"Nossa vida no Espírito, como Filhas do Pai, é um tesouro que levamos em vasos de argila. Embora muitas vezes tenhamos reconhecido a obra do Espírito em nós e tenhamos experimentado a beleza de amar livremente, com facilidade cedemos à tentação de retornar às antigas dependências e escravidões. Se por um lado conquistamos uma maior consciência do que favorece a vida no Espírito em comunidade, por outro existem ainda muitas dificuldades para vivermos uma autêntica vida fraterna."

Dinâmica proposta:

Podemos preparar no local do encontro um vaso de argila, colocando ao seu redor alguns "frutos" e alguns papéis em branco sobre os quais, após a reflexão, escreveremos os "frutos" que queremos suplicar ao Espírito, partilhando depois entre todas.

Depois, estes símbolos podem ser levados à capela, e a cada encontro se acrescentarão novos papéis, novos "frutos" (dons do Espírito) que desejamos viver em Comunidade.

* **Invocação ao Espírito...**

(Uma oração ou canto à escolha, ou algumas invocações espontâneas)

É importante viver este momento com calma, na certeza que é Ele o artífice da nossa renovação pessoal e comunitária, e que o "fruto do amor" é um dom que nos vem d'Ele e que recebemos se O invocamos com um coração aberto e acolhedor.

* **Palavra de Deus (ICor 13,4-7)**

O texto base para todos os encontros é o Hino à Caridade de S. Paulo.

* **Textos para a reflexão**

As reflexões remetem ao comentário do Papa Francisco ao texto de I Cor 13, que se encontra na Exortação Apostólica *Amoris Laetitia* (ns 91-118), e às citações do Documento capitular e do *Instrumentum Laboris* do XI Capítulo, enriquecidos com algumas considerações de Anna Bissi.

Além da reflexão e da partilha comunitária, estes textos podem servir também para a reflexão pessoal.

* **Para refletir... "Um olhar sobre a nossa vida fraterna..."**

A reflexão se subdivide em breves "blocos temáticos" com perguntas que podem ajudar a partilha em comunidade. Cada encontro pode concentrar-se sobre um bloco temático.

Dinâmica de conclusão de cada encontro: Depois de olhar a própria experiência comunitária à luz do conteúdo proposto, a comunidade é convidada a sintetizar numa palavra ou numa oração o fruto-dom que deseja pedir ao Senhor, isto é, o que o mesmo Espírito nos sugere como propósito comunitário.

Este “fruto” pode ser escrito sobre um papel, colocado depois em lugar visível, possivelmente na capela.

* **Orações espontâneas e oração do Pai Nossa**

Pode-se concluir o encontro com um momento de orações espontâneas. Estas podem ser motivadas pelo “fruto” que o Espírito nos sugeriu de pedir como dom para a nossa comunidade.

- No último encontro, concluindo a Ficha, organizar em Comunidade dois momentos especiais:

* Uma **avaliação** do caminho realizado (tema, participação, envolvimento, passos de crescimento que percebemos e dificuldades encontradas, etc...)

* Um **momento celebrativo**

Para a celebração conclusiva, pode-se retomar o símbolo dos vasos de argila e os “frutos” do Espírito escritos nos folhetos.

Pode-se iniciar invocando o Espírito e escutando novamente o texto de S. Paulo (I Cor 13) ou outro texto significativo para a comunidade, além de algum escrito de S. João Calábria sobre a caridade. À luz destes textos, pode-se fazer momento penitencial, seguido de um momento de agradecimento e louvor, concluindo com o abraço da paz.

❖ Comentário de Introdução

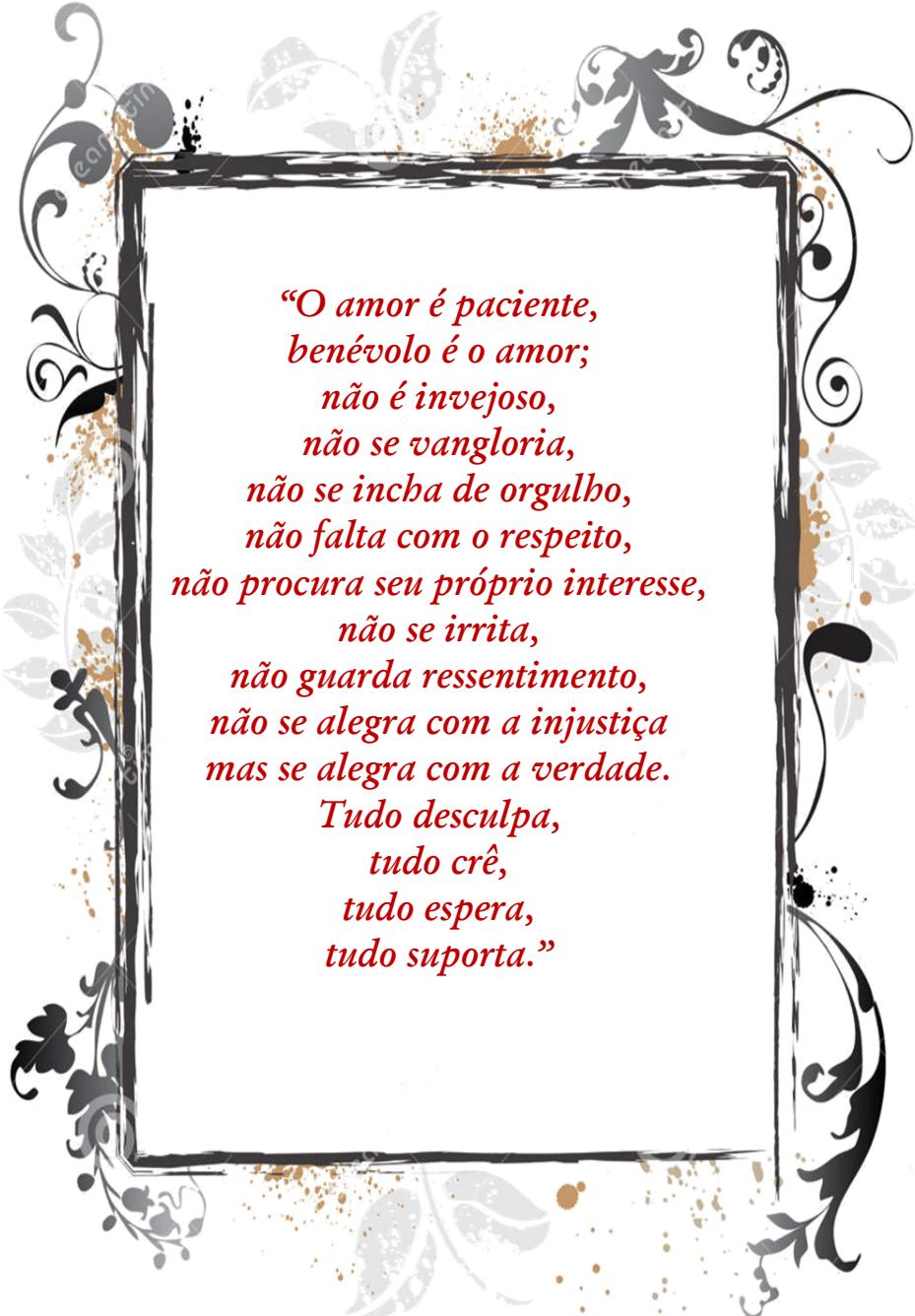
“O fruto do Espírito é o amor!” (Gl 5,22)

Peçamos este dom ao Senhor! Mas o que pedimos realmente, quando pedimos o Amor? Como decliná-lo em gestos, palavras e escolhas concretas?

Deixemo-nos guiar pelo Papa Francisco, sobretudo no capítulo 4º da Exortação “*Amoris Laetitia*”, onde o Papa fala do amor vivido no contexto do matrimônio, mas que se aplica a qualquer tipo de relação fraterna, inclusive a que se refere especificamente à vida comunitária. Isso porque, seja no matrimônio como na vida consagrada, permanece válido o que diz S. Paulo: “ainda que eu tivesse uma fé capaz de transportar montanhas mas não tivesse o amor, seria estimado em nada. E ainda que eu desse todos os meus bens e entregasse o meu corpo às chamas mas não tivesse a caridade, de nada adiantaria” (I Cor 13,2-3).

É justamente o Hino à Caridade de S. Paulo que o Papa escolheu para falar do amor, o amor verdadeiro, “cotidiano”. Ajudadas pela exegese muito prática que o Papa faz deste hino, podemos também nós compreender as várias expressões do amor, como traduzi-lo na nossa práxis e como nos permite desmascarar a falsidade, reconhecendo onde se esconde o nosso “eu” quando não é capaz de amar.

❖ **Palavra de Deus** (ICor 13,4-7)



*“O amor é paciente,
benévolo é o amor;
não é invejoso,
não se vangloria,
não se incha de orgulho,
não falta com o respeito,
não procura seu próprio interesse,
não se irrita,
não guarda ressentimento,
não se alegra com a injustiça
mas se alegra com a verdade.
Tudo desculpa,
tudo crê,
tudo espera,
tudo suporta.”*

1) “O amor é paciente”

S. Paulo inicia o seu hino à caridade com uma expressão que evoca uma característica do Deus da Aliança: Deus é “paciente”, isto é, “lento à ira” (*Ex 34,6; Num 14,18*); Ele espera com misericórdia o arrependimento dos seus filhos e filhas. *“A paciência de Deus é exercício de misericórdia para com o pecador, e manifesta o Seu autêntico poder.* (Cfr. AL 91)

Somos convidados a conhecer o agir paciente e moderado de Deus, que não responde com impulsividade nem com agressividade... e imitá-lo nas nossas relações comunitárias.

Mas para entender melhor o que significa “o amor é paciente”, vejamos o que nos diz o n. 92 de *Amoris Laetitia*:

AL 92. *Ser pacientes não significa deixar que nos maltratem continuamente, tolerar agressões físicas ou permitir que nos tratem como objetos. O problema se propõe quando pretendemos que as nossas relações sejam idealizadas e que as pessoas sejam perfeitas, ou quando nos colocamos no centro, esperando unicamente que se faça a nossa vontade. Então, tudo nos impacienta, tudo nos leva a reagir de modo agressivo. Se não cultivamos a paciência, teremos sempre desculpas para responder com ira, e no fim nos tornaremos pessoas incapazes de conviver, anti-sociais incapazes de dominar os próprios impulsos, e a família (comunidade) acaba transformando-se num campo de batalha. Por isso, a Palavra de Deus nos exorta: “Desapareçam de entre vós toda aspereza, indignação, ira, maledicência, e todo tipo de maldade”. (Ef 4,31). Esta paciência se reforça e cresce quando reconheço que o outro também tem o direito de viver comigo sobre esta terra, assim como ele é. Não importa se ele é um empecilho para mim, se me obriga a mudar os meus planos, se me incomoda com seu modo de ser ou com suas ideias, se não é em tudo como eu esperava... O amor comporta sempre um senso de profunda compaixão, que leva a aceitar o outro como parte deste mundo, mesmo quando age de modo diverso de como eu desejaria.*

O Documento do Capítulo nos propõe um **objetivo** que segue a mesma linha:

II.3.2 **Tornar-nos “espertas” em misericórdia**, mantendo o olhar fixo na Misericórdia do Pai, para tornar-nos sinais eficazes do Seu agir.³

É o Espírito o grande Tecedor que costura, tece e borda as nossas relações fraternas, e dilata o nosso coração para que nos tornemos mais filhas e irmãs. Na vida comunitária, somos continuamente chamadas a crescer na misericórdia, na paciência e na perfeita caridade⁴, para assim reavivar em nós o dom da maternidade.

³ Cfr. MV, 2-3.

⁴Cfr. PAPA FRANCISCO, *Discurso às Religiosas da Coréia*, 16 de agosto de 2014.

2) “O amor é benévolو”

Cfr. AL 93 A “benevolência” é a atitude que segue a paciência. “Deste modo, Paulo explica que a “paciência”, que ele cita em primeiro lugar, longe de ser uma atitude passiva, é acompanhada por uma atividade, por uma reação dinâmica e criativa com relação aos demais. Indica que o amor faz o bem aos outros e os promove. Por isso, traduz-se como “benevolente”.

AL 94. [...] O amor não é somente um sentimento, mas deve entender-se no sentido do verbo “amar”, que em hebraico significa “fazer o bem”. Como dizia S. Ignácio de Loyola, “o amor deve transparecer mais nas obras do que nas palavras”. Assim ele pode mostrar toda a sua fecundidade, e nos permite experimentar a felicidade de dar, a nobreza e a grandeza de doar-nos de modo sobrenatural, sem medidas, sem exigir recompensas, movidos somente pelo gosto de dar e servir.

O documento do Capítulo nos sugere como *caminho concreto* para tornar-nos pessoas “boas”, que mostram a bondade nas ações concretas:

II.4.3 Vigiar e deixar-nos purificar o coração para sair de nós mesmas e buscar juntas o bem comum.

Um olhar sobre a nossa vida fraterna...

O amor é paciente e benévolو...

1- Segundo as palavras do Papa, quais são as características do amor quando é paciente e benévolo?

2- Relendo o texto (n. 92-94), procuremos aplicar as palavras do Papa à nossa experiência:

- Sentimos que este texto fala à nossa vida?
- Encontramos situações concretas onde também na nossa comunidade, na missão... as nossas relações são “pacientes”, ou onde, ao contrário predomina a “impaciência”?
- Quando experimentamos sem medo a felicidade de doar-nos sem medidas e sem exigir recompensas, com o gosto de dar e servir? Quando experimentamos a criatividade e a dinamicidade do amor que procura sempre promover os demais?

⇒ Sintetizamos numa palavra ou oração o fruto-dom que desejamos pedir ao Senhor, isto é, o compromisso comunitário que Ele mesmo nos sugere.

Este “fruto” pode ser escrito sobre um cartãozinho que colocaremos depois num lugar visível, de preferência na capela.

3) “O amor não é invejoso”

AL 95 Portanto, considera-se contrária ao amor uma atitude expressa com o termo ‘zelos’ (ciúme ou inveja). Significa que no amor não se pode provar desgosto ou tristeza diante do bem do outro (cfr At 7,9; 17,5). A inveja é tristeza pelo bem dos outros, e demonstra que não nos interessa a felicidade dos outros, já que estamos concentrados exclusivamente sobre o nosso interesse pessoal. O amor, ao contrário, nos faz sair de nós mesmos, enquanto a inveja nos leva a centrar-nos sobre o nosso eu. O verdadeiro amor aprecia o sucesso dos outros, não os sente como uma ameaça e é livre do sabor amargo da inveja. Aceita o fato que cada um tem dons diferentes e caminhos diversos na vida. Portanto, trata de descobrir o seu próprio modo de ser feliz, permitindo que os outros também encontrem o seu.

AL 96. [...] O amor nos leva a uma sincera apreciação de todos os seres humanos, reconhecendo o seu direito à felicidade. Amo aquela pessoa, olho-a com o olhar de Deus Pai que nos doa tudo, “a fim de que possamos disfrutá-lo” (I Tim 6,17) e, portanto, aceito dentro de mim que possa viver um bom momento. Em todo caso, esta mesma raiz do amor me leva a rejeitar a injustiça pelo fato que alguns têm demais e outros têm pouco; e me impele a fazer de modo que quem se sente descartado da sociedade possa viver um pouco de alegria. E isso não é inveja mas desejo sincero de equidade.

O amor nos leva a não ter medo do outro, a alegrar-nos pelo bem dos outros superando o nosso egocentrismo; livra-nos da amargura da inveja, entendendo que cada um tem dons diferentes.

O Capítulo tomou em consideração a realidade das nossas Comunidades, constituídas de Irmãs muito diferentes por causa da idade, proveniência, cultura... onde um caminho de integração leva à beleza da comunhão, sem porém negar a dificuldade e as tensões que possam surgir. O Documento reassume assim esta realidade:

As nossas comunidades são sempre mais internacionais e interculturais. O caminho de integração, motivado pelo Carisma comum que nos une, é uma experiência não isenta de tensões, mas sentimos a necessidade de descobrir a beleza e a riqueza das Irmãs que Deus nos dá e que vivem perto de nós, de modo que possamos sentir-nos e tornar-nos de verdade um único corpo. (Contexto III)

Esta realidade pode tornar-se altamente “profética” se, superando qualquer forma de inveja, testemunhamos uma vida fraterna alegre e serena, na acolhida das diversidades que, juntas e harmonizadas, formam um belo mosaico de caridade.

Assim nasceu este **objetivo**, que sintetiza toda a reflexão do Capítulo Geral:

III.3.1 Acolher o dom da alegria, como fruto da experiência do Espírito feita juntas.⁵

A alegria é fruto:

- *do cotidiano vívido com um olhar de fé partilhado;*
- *do dom de si, através de gestos de gratuidade e generosidade;*
- *da comunhão e da unidade, até sentir-nos “um só coração e uma só alma”;*
- *de relações reconciliadas, superando limites e divisões;*
- *de levar os pesos umas das outras...*

Um caminho que nos ajudará a viver este objetivo é:

III.4.1 Redescobrir o sentido da festa e da celebração da vida em Comunidade.

⁵“Uma fraternidade rica de alegria é um verdadeiro dom do Alto para os irmãos e as irmãs que sabem pedi-lo e se aceitam reciprocamente, empenhando-se na vida fraterna, confiantes na ação do Espírito” (VFC, n. 28).



4) “O amor não se vangloria e não se incha de orgulho.”

AL 97 Segue a expressão ‘perpereuetai’, que indica a vanglória, a ânsia de mostrar-se superiores para impressionar os outros com uma atitude arrogante e, por vezes, agressiva. Quem ama não só evita falar demais de si mesmo mas, justamente porque está centrado nos outros, sabe colocar-se no seu próprio lugar, sem pretender estar no centro das atenções. A palavra seguinte – physioutai – é muito semelhante porque indica que o amor não é arrogante. Literalmente, significa que não se “engrandece” diante dos outros, e indica algo bem mais sutil. Não é somente uma obsessão por mostrar as próprias qualidades, mas faz também perder o sentido da realidade, porque se considera mais do que realmente é, por considerar-se mais “espirituais” ou “sábios”. Paulo usa este verbo outras vezes, por exemplo, para dizer que “o conhecimento enche de orgulho, enquanto o amor constrói” (I Cor 8,1). Alguns se creem grandes porque sabem mais do que os outros, e por isso são pretenciosos e controladores, quando em realidade o que nos torna grandes é somente o amor que comprehende, cuida e sustenta quem é fraco. Em outro versículo, Paulo utiliza este mesmo verbo para criticar os que se “incham de orgulho” (cfr 1 Cor 4,18), mas na verdade têm mais palavreado do que um verdadeiro “poder” do Espírito (cfr 1 Cor 4,19).

AL 98 [...] A aitude da humildade aparece aqui como parte do amor, porque para compreender, desculpar e servir os demais com o coração, é indispensável superar o orgulho e cultivar a humildade. Jesus recordava aos seus discípulos que no mundo do poder, cada um tenta dominar o outro. E por isso lhes diz: “Entre vós não será assim” (Mt 20,26). A lógica do amor cristão não é de quem se sente superior aos outros e precisa fazê-los sentir o seu poder, mas aquela pela qual “quem quiser ser o maior, será o servo de todos” (Mt 20,27). Na vida familiar (e comunitária) não pode reinar a lógica do domínio de uns sobre os outros, ou a competição para ver quem é mais potente ou inteligente. Um tal lógica enfraquece o amor. Vale também para a família este conselho: “Revistam-se todos de humildade uns para com os outros, porque Deus resiste aos soberbos, mas dá a sua graça aos humildes” (1 Pd 5,5).

“Construir o clima de família em comunidade é um desafio que exige esforço, porque devemos fazer as contas com a nossa fragilidade e, portanto, necessitamos de contínua purificação. As emoções têm uma forte influência sobre as nossas dinâmicas comunitárias, e quando não são integradas, acabam gerando conflitos e sofrimento para toda a comunidade.” [II.2]

Para ajudar-nos a refletir e a compreender melhor como é traiçoeira e enganadora esta atitude nas nossas relações, fazemos um exemplo, recolhido da reflexão da Ir. Anna Bissi:

A necessidade de controlar, de dominar a realidade é uma necessidade construtiva. Trata-se de algo que o ser humano precisa para crescer, para progredir. E lhe permite responder à vocação recebida de Deus: cultivar e cuidar o jardim. Pensando porém na nossa vida comunitária, nos damos conta que quando esta necessidade é separada da ação do Espírito Santo e Este já não a orienta mais, encontramos segurança e gratificamos a imagem de nós mesmas no controle, no saber, na curiosidade, afirmando-nos sobre os outros. Pensemos, por exemplo, nos nossos conflitos comunitários e logo nos daremos conta de quanto tempo ocupamos em lutas de poder – até mesmo por coisas simples como onde colocar o guardanapo ou se manter a janela aberta ou fechada – mas que têm um grande poder para envenenar a nossa existência. A verdade é que, nestas situações, nós temos sempre as nossas defesas e boas razões para justificar o que, em síntese, não passa de um intento de afirmar o nosso eu sobre os demais.

Um olhar sobre a nossa vida fraterna...

O amor não é invejoso, não se vangloria, não se incha de orgulho...

- 1- Que atitudes positivas podem ajudar-nos a superar o mal da inveja e do poder?
- 2- Quando é que as diferenças se tornam ocasião de conflito e quando, ao contrário, transformam-se em ocasião e oportunidade de crescimento e testemunho?
- 3- Quem ama tem atitudes de cuidado para quem é fraco, evitando a competição e o domínio sobre os outros.

Podemos encontrar na nossa experiência fatos que confirmam esta afirmação?

→ Sintetizamos numa palavra ou numa oração o fruto-dom que pedimos ao Senhor, isto é, o que o Espírito nos sugere como empenho comunitário. Este “fruto” pode ser escrito em um cartãozinho, que será colocado em lugar visível, possivelmente na capela.

5) “O amor não falta com o respeito”... é amável!

AL 99 Amar é também tornar-se amável. [...] O amor não age rudemente, não atua de forma inconveniente, não se mostra duro no trato. Os seus modos, as suas palavras, os seus gestos são agradáveis; não são ásperos, nem rígidos. Detesta fazer sofrer os outros. A cortesia «é uma escola de sensibilidade e altruísmo», que exige que a pessoa cultive a sua mente e os seus sentidos, aprenda a ouvir, a falar e, em certos momentos, a calar. Ser amável não é um estilo que o cristão possa escolher ou rejeitar: faz parte das exigências irrenunciáveis do amor, por isso «todo o ser humano está obrigado a ser afável com aqueles que o rodeiam. Diariamente «entrar na vida do outro, mesmo quando faz parte da nossa existência, exige a delicadeza duma atitude não invasiva, que renova a confiança e o respeito. (...) E quanto mais íntimo e profundo for o amor, tanto mais exigirá o respeito pela liberdade e a capacidade de esperar que o outro abra a porta do seu coração.

AL 100 A fim de se predispor para um verdadeiro encontro com o outro, requer-se um olhar amável pousado nele. Isto não é possível quando reina um pessimismo que põe em evidência os defeitos e erros alheios, talvez para compensar os próprios complexos. Um olhar amável faz com que nos detenhamos menos nos limites do outro, podendo assim tolerá-lo e unirmo-nos num projeto comum, apesar de sermos diferentes. O amor amável gera vínculos, cultiva laços, cria novas redes de integração, constrói um tecido social firme.

[...]A pessoa que ama é capaz de dizer palavras de incentivo, que reconforam, fortalecem, consolam, estimulam. Vejamos, por exemplo, algumas palavras que Jesus dizia às pessoas: «Filho, tem confiança!» (Mt 9, 2). «Grande é a tua fé!» (Mt 15, 28). «Levanta-te!» (Mc 5, 41). «Vai em paz» (Lc 7, 50). «Não temais!» (Mt 14, 27). Não são palavras que humilham, angustiam, irritam, desprezam. [...]

A Caridade não falta com o respeito. O amor nos doa uma linguagem benévolas de Jesus que consola e encoraja com delicadeza e respeito..

Nós também, como nos diz o Documento capitular,

Fazemos experiência de que os conflitos em comunidade, quando vividos com fé e na oração e enfrentados com um coração livre e misericordioso, ajudam-nos a crescer e a acolher com serenidade a nossa própria fragilidade e a dos outros. [II.2]

Para resolver um conflito não é suficiente ignorá-lo e tampouco tentar eliminar as diferenças que o provocaram. Aliás, são exatamente as diferenças que fazem a vida interessante.

Papa Francisco nos diz que “*O conflito não pode ser ignorado ou dissimulado; deve ser aceito. Mas, se ficamos encerrados nele, perdemos a perspectiva, os horizontes reduzem-se e a própria realidade fica fragmentada. Quando paramos na conjuntura conflitual, perdemos o sentido da unidade profunda da realidade.*” (EG 226)

Ele destaca os modos inúteis de lidar com o conflito: negá-lo, fingindo que não existe, ou entrar nele ficando prisioneiros; em seguida sugere o modo mais adequado para enfrentá-lo: “*aceitar, resolvê-lo e transformá-lo no elo de ligação de um novo processo*”. O que significa isto concretamente? Quando vivemos um conflito com uma pessoa, a nossa percepção – que consequentemente condiciona o nosso modo de reagir e de nos relacionarmos – tem a tendência de transformá-la num inimigo. Desta pessoa (coirmão, coirmã...) acabamos considerando só um aspecto: perdemos a memória sobre as atitudes positivas que ela possa ter tido em relação a nós no passado, as coisas boas que fez, as suas qualidades, e nela pensamos só e unicamente assim: o inimigo definido.

Mas então não a vemos mais com respeito...

A solução está num plano superior, isto é, dentro de nós: transformando o caos presente dentro de nós num cosmo harmonioso, reencontrando uma unificação interior. É no coração que devemos construir uma área de paz que nos permita olhar o outro como a um irmão, uma irmã, e sentirmo-nos protegidos por nossos irmãos.

Precisamos aprender a reconhecer que nossos conflitos geralmente são ligados ao acúmulo de tensões nascidas da importância excessiva que se atribui a simples detalhes insignificantes, que porém na nossa interioridade assumem um significado profundamente simbólico... geralmente simbolicamente poderoso. Brigamos por coisas banais, temos dificuldade de ceder, de pedir desculpas; discutimos, às vezes, sem nos darmos conta de que estamos dizendo a mesma coisa... somos generosas em oferecer o nosso tempo e as nossas coisas quando e como decidimos, mas se por acaso nos vem pedido de forma imprevista para fazer um simples trabalho parece que o outro esteja se aproveitando ou roubando nosso tempo... Exemplos simples, que dizem como na raiz dos nossos conflitos está em questão o exercício do nosso poder, e portanto a afirmação de nossa identidade.

“*O amor não falta com o respeito*”. A maturidade dentro da Comunidade se avalia com base à maior ou menor capacidade de ter um olhar amável e respeitoso que sabe conservar a comunhão, a unidade no respeito à singularidade de cada um de seus membros.

6) “A caridade não busca seu próprio interesse” Desapego generoso



AL 101 Como se diz muitas vezes, para amar os outros, é preciso primeiro amar-se a si mesmo. Todavia este hino à caridade afirma que o amor «não procura o seu próprio interesse», ou «não procura o que é seu». Abbiamo detto molte volte che per amare gli altri occorre prima amare sé stessi. Tuttavia, questo inno all'amore afferma che l'amore “non cerca il proprio interesse”, o che “non cerca quello che è suo”. [...] Una certa priorità dell'amore per sé stessi può intendersi solamente come una condizione psicologica, in quanto chi è incapace di amare sé stesso incontra difficoltà ad amare gli altri [...]

AL 102 Mas o próprio Tomás de Aquino explicou «ser mais próprio da caridade querer amar do que querer ser amado» [...]

Por isso, o amor pode superar a justiça e transbordar gratuitamente «sem nada esperar em troca» (Lc 6, 35), até chegar ao amor maior que é «dar a vida» pelos outros (Jo 15, 13). Mas será possível um desprendimento assim, que permite dar gratuitamente e dar até ao fim? Sem dúvida, porque é o que pede o Evangelho: «Recebestes de graça, dai de graça» (Mt 10, 8).

O amor não busca seu próprio interesse.

Todos nós temos necessidade de receber afeto, porque faz parte da natureza humana: o amor quer que sejamos capazes de nos doarmos aos outros, mas também necessitamos receber o seu afeto. Damos aquilo que recebemos. Quando esta necessidade é orientada pelo Espírito Santo torna-se um fruto com sabor e perfume de reconhecimento, de gratidão por tanto amor recebido e de gratuidade no dom generoso de si. A dança do dom abrange este duplo movimento: dar e receber, receber e dar.

Porém, se não for o Espírito Santo quem orienta a necessidade de afeto, esta acabará tendo como origem e finalidade a nossa pessoa e se transformará numa contínua pretensão, bloqueará em nós a capacidade de doação, nos transformará num “saco sem fundo”, jamais satisfeito com aquilo que recebe, sempre pronto a lamentar-se, a recriminar, a querer sempre mais.

O Doc. Capitular propõe um objetivo que, em outras palavras, diz o mesmo conceito de Paulo: *o amor não busca seu próprio interesse...* porque no despojamento do eu encontra o caminho da partilha, e se alegra na liberdade do verdadeiro abandono.

III.3.2 Viver buscando a **pobreza e a sobriedade como caminho que nos abre ao abandono**.

Uma vida simples e de partilha do pouco que temos com os pobres, permite-nos experimentar a presença assídua do Pai e o cuidado da sua Providência.

Um olhar sobre a nossa vida fraterna...

O amor não falta com o respeito... não busca seu próprio interesse.

1- Quais atitudes concretas (modos, linguagem, gestos...) podem tornar visível um estilo amável e respeitoso nas nossas relações?

2- Quais sinais nos fazem perceber que na nossa comunidade existe (ou falta) o equilíbrio entre “conservar a unidade, a comunhão e respeitar a pessoa de cada Irmã, na sua singularidade?”

3- Quais sinais demonstram que o nosso serviço é orientado pelo Espírito Santo e carrega a marca do “gratuitamente recebestes, gratuitamente dai” ?

⇒ Sintetizemos numa palavra ou numa oração o fruto-dom que pedimos ao Senhor, ou seja, aquilo que o próprio Espírito nos sugere para assumir como compromisso comunitário. Este “fruto” pode ser escrito num pequeno cartaz e colocado num lugar visível à comunidade, possivelmente na Capela.



7) O amor não se irrita Sem violência interior

AL 103. Se a primeira expressão do hino nos convidava à paciência, que evita reagir bruscamente perante as fraquezas ou erros dos outros, agora aparece outra palavra – *paroxýnetai* – que diz respeito a uma reacção interior de indignação provocada por algo exterior. Trata-se de uma violência interna, uma irritação recôndita que nos põe à defesa perante os outros, como se fossem inimigos molestos a evitar. Alimentar esta agressividade íntima, de nada aproveita. Serve apenas para nos adoentar, acabando por nos isolar. A indignação é saudável, quando nos leva a reagir perante uma grave injustiça; mas é prejudicial, quando tende a impregnar todas as nossas atitudes para com os outros.

AL 104. O Evangelho convida a olhar primeiro a trave na própria vista (cf. Mt 7, 5), e nós, cristãos, não podemos ignorar o convite constante da Palavra de Deus para não se alimentar a ira: «Não te deixes vencer pelo mal» (Rm 12, 21); «não nos cansemos de fazer o bem» (Gal 6, 9). Uma coisa é sentir a força da agressividade que irrompe, e outra é consentir nela, deixar que se torne uma atitude permanente: «Se vos irardes, não pequeis; que o sol não se ponha sobre o vosso ressentimento» (Ef 4, 26). Por isso, nunca se deve terminar o dia sem fazer as pazes. A reação interior perante uma moléstia que nos causam os outros, deveria ser, antes de mais nada, abençoar no coração, desejar o bem do outro, pedir a Deus que o liberte e cure. «Respondei com palavras de bênção, pois a isto fostes chamados: a herdar uma bênção» (1Ped 3, 9). Se tivermos de lutar contra um mal, façamo-lo; mas sempre digamos «não» à violência interior.

Das contribuições que chegaram das Comunidades, resumidas depois no *Instrumentum Laboris*, trazemos alguns pontos de reflexão para um

“caminho de purificação e de perdão em Comunidade”

Construir o clima de família em Comunidade é difícil, porque nos deparamos com nossa fraqueza e por isso é necessária uma purificação contínua. Neste sentido cada uma é chamada a conhecer e reconhecer as próprias dificuldades, os desejos não purificados, as defesas pessoais... que podem tornar difícil a convivência em Comunidade. A isto se somam os males do nosso tempo que atingem também as relações nas nossas Comunidades: o individualismo, a indiferença, o fechamento, a rigidez, o apego às nossas necessidades e pontos de vista, a superficialidade, a insensibilidade a desconfiança, o medo e o distanciamento de quem é diferente, a murmurção, a incompreensão... Obstáculos estes que impedem construir a comunhão e os quais reconhecemos como aspectos que precisam ser purificados também na nossa experiência.

Foram evidenciados também algumas atitudes que não ajudam a resolver os conflitos de modo positivo:

- fugir da situação, a ponto de pedir para mudar de Comunidade,
- não enfrentar o verdadeiro motivo do conflito por falta de verdade, de sinceridade...
- a dificuldade em perdoar e em deixar-se perdoar, de recomeçar de novo;
- a crítica, a murmurção, o julgamento ...
- a indiferença e insensibilidade, o desânimo...
- não saber perder, fechando-se em suas próprias razões;
- rigidez cultural, geracional... e o medo da integração vista como um dever ter que renunciar a algo de próprio;

8) “O amor não guarda ressentimento” Perdão

AL 105 Se permitirmos a entrada dum mau sentimento no nosso íntimo, damos lugar ao ressentimento que se aninha no coração. [...] O contrário disto é o perdão; perdão fundado numa atitude positiva que procura compreender a fraqueza alheia e encontrar desculpas para a outra pessoa, como Jesus que diz: «Perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem» (Lc 23, 34). Entretanto a tendência costuma ser a de buscar cada vez mais culpas, imaginar cada vez mais maldades, supor todo o tipo de más intenções, e assim o ressentimento vai crescendo e cria raízes[...]

AL 106 Quando estivermos ofendidos ou desiludidos, é possível e desejável o perdão; mas ninguém diz que seja fácil [...]

AL 107 Hoje sabemos que, para se poder perdoar, precisamos passar pela experiência libertadora de nos compreendermos e perdoarmos a nós mesmos. Quantas vezes os nossos erros ou o olhar crítico das pessoas que amamos nos fizeram perder o amor a nós próprios; isto acaba por nos levar a acautelar-nos dos outros, esquivando-nos do seu afeto, enchendo-nos de suspeitas nas relações interpessoais. Então, poder culpar os outros torna-se um falso alívio. Faz falta rezar com a própria história, aceitar-se a si mesmo, saber conviver com as próprias limitações e inclusive perdoar-se, para poder ter esta mesma atitude com os outros.

AL 108 Mas isto pressupõe a experiência de ser perdoados por Deus, justificados gratuitamente e não pelos nossos méritos. Fomos envolvidos por um amor prévio a qualquer obra nossa, que sempre dá uma nova oportunidade, promove e incentiva. Se aceitamos que o amor de Deus é incondicional, que o carinho do Pai não se deve comprar nem pagar, então poderemos amar sem limites, perdoar aos outros, ainda que tenham sido injustos para conosco. Caso contrário, a nossa vida [...] deixará de ser um lugar de compreensão, companhia e incentivo, e tornar-se-á um espaço de permanente tensão ou de castigo mútuo.

Aceitar as fraquezas sem medo e reconhecer com humildade os talentos e as capacidades pessoais nos permitem ter uma visão equilibrada de nós mesmos e também dos outros. Esta visão positiva e integrada gera confiança em nós mesmos, liberta-nos do medo de nos sentirmos inferiores aos outros ou da necessidade de esmagá-los para afirmar a nossa superioridade, e portanto favorece relações sadias.

Às vezes as nossas limitações nos assustam. Ficamos assustados com os aspectos da nossa personalidade que não gostamos, mas também com os limites físicos, psicológicos, intelectuais e, às vezes, também morais, entendidos geralmente também de forma perfeccionista, como uma falha em direção àquela santidade que queremos alcançar. Estas limitações não nos permitem ser como gostaríamos. Mas a experiência do limite não pode ser pensada somente em termos psicofisiológicos ou moralistas. A Palavra de Deus recorda-nos que somos ontologicamente pecadores, isto é, tendemos a colocar o nosso *eu* no centro de tudo, orientando-nos na estrada contrária à nossa vocação que é a de ser pessoas “relacionais”. Reconhecer-nos pecadores é o passo essencial para poder recriar a relação com Deus e com os irmãos; se não o fazemos interrompemos a relação: na nossa interioridade se deturpa o rosto de Deus e o rosto do irmão. O pecado quando não é reconhecido transforma-se em medo e então exerce mecanismos de defesa para poder proteger o próprio *eu* (vemos o outro em termos negativos, encontramos sempre desculpas para justificar nós mesmos e culpar os outros, tornamo-nos rancorosos e “tomamos nota” do mal recebido para antes ou depois pedir contas...) Os mecanismos de defesa tornam-se muros que impedem o Espírito Santo passar e não o permitem orientar a nossa vida em direção ao amor.

O Documento do Capítulo nos indica caminhos para fazer da Comunidade um lugar de conversão.

II.4.2 **Renovar continuamente a experiência da misericórdia** que nos liberta, nos salva e nos abre para receber e dar perdão. (Celebrção da reconciliação).

II.4.8 **Conhecer e aceitar** os próprios **dons** e **fragilidades**, os desejos não purificados e as defesas pessoais, também através de caminhos de acompanhamento antropológicos e espirituais, para tornar-nos capazes de construir relações mais autênticas e maduras.

III.4.4 **Fazer experiência da revisão de vida**, que nos permite colocar-nos diante das Irmãs, reconhecendo as maravilhas que a graça de Deus operou em nós, e o que ainda necessita de purificação.

No *Instrumentum laboris* vinham indicadas outras atitudes para um caminho de conversão, que aqui trazemos:

- **A Comunidade é lugar de conversão:** nela a fragilidade, a limitação e também o pecado têm espaço... Estes podem se tornar muros que dividem ou então espaços e ocasiões de acolhida, de compaixão, de perdão... de crescimento.
Este caminho de conversão nos pede de:
 - **Sair de nós mesmas**, renunciando às nossas ideias e projetos pessoais, e acolher os pensamentos e o modo que os outros têm de ser.
 - **Crescer na liberdade interior** para viver relações verdadeiras.
 - **Cuidar** de cada Irmã, da sua vida em todos os aspectos: espiritual, físico, psicológico.
 - **Ser discretas e capazes de reserva**, conservando no coração as situações pessoais das Irmãs (dificuldades, problemas, fraquezas, doenças...)
 - **Respeitar os ritmos de crescimento de cada uma.**

9) O amor não se alegra com a injustiça, mas rejubila com a verdade.

Alegrar-se com os outros

Cfr. AL 109 A caridade se entristece quando vê que se comete uma injustiça contra alguém, mas se alegra com a verdade, se alegra com o bem do outro, quando se reconhece a sua dignidade, quando se aprecia as suas capacidades e as suas obras boas. Isto é impossível para quem sente a necessidade de estar sempre a comparar-se ou a competir, até ao ponto de se alegrar secretamente com os seus fracassos [...]

AL 110 Nossa Senhor aprecia de modo especial quem se alegra com a felicidade do outro. Se não alimentamos a nossa capacidade de rejubilar como bem do outro, concentrando-nos sobretudo nas nossas próprias necessidades, condenamo-nos a viver com pouca alegria, porque – como disse Jesus – «a felicidade está mais em dar do que em receber» (At 20, 35).

Do Documento do Capítulo, *um objetivo e dois caminhos sugeridos:*

III.3.3 **Viver a maternidade espiritual**, como exigência profunda do nosso ser consagradas na Obra, que se exprime no cotidiano da vida em comunidade.

Trata-se de um dom que vem do alto e que podemos acolher se temos um coração livre, despojado de nós mesmas e capaz de acolher a riqueza do outro, cuidando especialmente dos mais fracos.

III.4.2 Exercitar-se na capacidade de **alegrar-se** pelo bem da outra.

II.4.6 Crescer na **confiança recíproca**, que é capaz de ver o bem e o que há de bom em cada uma, respeitando seus ritmos de crescimento.

Um olhar sobre nossa vida fraterna ...

O amor não se irrita, nem guarda ressentimento, não se alegra com a injustiça, mas rejubila com a verdade.

1- Quais situações, realidades, acontecimentos... deixam-nos com raiva, incomodam-nos, podem tirar a serenidade interior, pessoal ou comunitária?

2- Quais atitudes, gestos, palavras... podem ferir o relacionamento fraternal e quais por sua vez, podem ajudar a construir a harmonia, a paz, a alegria em Comunidade ?

3- Quais atitudes concretas, entre aquelas indicadas pelo Papa e pelo documento capitular, podem nos ajudar também a integrarmos as fragilidades e a viver o perdão em Comunidade?

Podemos citar outros aspectos que ajudem a nossa Comunidade nos relacionamentos internos e naqueles que se referem à missão?

→ Sintetizemos numa palavra ou numa oração o fruto-dom que pedimos ao Senhor, aquilo o próprio Espírito sugere que assumamos como compromisso comunitário. Este “fruto” pode ser escrito e colocado num lugar que seja visível para toda a Comunidade, se possível na Capela.

10) “O amor tudo desculpa”

AL 111 O elenco é completado com quatro expressões que falam duma totalidade: «tudo». *Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta [...]*

AL 112 Em primeiro lugar, diz-se que «tudo desculpa [...] este termo tem a ver com o uso da língua; pode significar «guardar silêncio» a propósito do mal que possa haver noutra pessoa. Implica limitar o julgamento, conter a inclinação para se emitir uma condenação dura e implacável: «Não condeneis e não sereis condenados» (Lc 6, 37) [...] A Palavra de Deus pede-nos: «Não faleis mal uns dos outros, irmãos» (Tg 4, 11). Deter-se a danificar a imagem do outro é uma maneira de reforçar a própria, de descarregar ressentimentos e invejas, sem se importar com o dano causado. Muitas vezes esquece-se que a difamação pode ser um grande pecado, uma grave ofensa a Deus, quando afecta seriamente a boa fama dos outros, causando-lhes danos muito difíceis de reparar [...]

Cfr. AL 113 Falar bem um do outro, procurar mostrar mais o lado bom do outro do que as suas fraquezas e erros, em todo o caso, guardar silêncio para não danificar a sua imagem... não é a ingenuidade de quem pretende não ver as dificuldades e os pontos fracos do outro, mas a perspectiva ampla de quem coloca estas fraquezas e erros no seu contexto; lembra-se de que estes defeitos constituem apenas uma parte, não são a totalidade do ser do outro: um facto desagradável no relacionamento não é a totalidade desse relacionamento. Assim é possível aceitar, com simplicidade, que todos somos uma complexa combinação de luzes e sombras. O outro não é apenas aquilo que me incomoda; é muito mais do que isso. E, pela mesma razão, não lhe exijo que seja perfeito o seu amor para o apreciar: ama-me como é e como pode, com os seus limites, mas o fato de o seu amor ser imperfeito não significa que seja falso ou que não seja real. É real, mas limitado e terreno. Por isso, se eu lhe exigir demais, de alguma maneira me fará saber, pois não poderá nem aceitará desempenhar o papel dum ser divino nem estar ao serviço de todas as minhas necessidades. O amor convive com a imperfeição, desculpa-a e sabe guardar silêncio perante os limites do ser amado.

O amor cuida, com delicadeza, da imagem do outro, de cada Irmã. A respeito disso o Capítulo nos impulsiona na direção desta meta, árdua, mas muito bonita:

- III.3.5 **Receber e oferecer ajuda na vida espiritual,**
através da partilha daquelas dimensões belas e profundas que cada uma cultiva em seu coração.
- II.4.5 **Con dividir em profundidade** a nossa vida, numa atitude de escuta e diálogo sincero, para sairmos dos nossos medos e levar juntas os pesos e dificuldades de cada uma.
- II.4.7 **Reconhecer-nos “Irmãs”** e cuidar umas das outras.
- III.4.6 **Educar-nos à corresponsabilidade**, de modo que cada uma se sinta responsável pela outra.

11) “O amor tudo crê” Confia

Cfr. AL 115 "Tudo crê", no sentido que tem confiança no outro. Esta confiança torna possível uma relação em liberdade. Não é necessário controlar o outro, seguir minuciosamente os seus passos, suspeitando que esteja mentindo ou enganando. O amor confia, deixa em liberdade, renuncia a controlar tudo, a possuir, a dominar [...] Ao mesmo tempo torna possível a sinceridade e a transparência, porque uma pessoa, quando sabe que os outros confiam nela e apreciam a bondade basilar do seu ser, mostra-se como é, sem dissimulações. Pelo contrário, quando alguém sabe que sempre suspeitam dele, julgam-no sem compaixão e não o amam incondicionalmente, preferirá guardar os seus segredos, esconder as suas quedas e fraquezas, fingir o que não é. Concluindo, uma [comunidade] onde suceda o que suceder, sempre se volta a confiar, permite o florescimento da verdadeira identidade dos seus membros, fazendo com que se rejeite espontaneamente o engano, a falsidade e a mentira.

Os pontos de reflexão que Papa Francisco nos oferece dão orientações concretas para um confronto com a nossa vivência relacional. Portanto permanece para a Comunidade o desafio de deixar-se iluminar sobre este aspecto.

Transcrevemos abaixo alguns pontos para refletir sobre as relações de confiança dentro da Família Calabriana, partindo dos *objetivos* retomados no documento capitular e depois trazendo alguns trechos do documento *Instrumentum laboris* sobre este tema.

Pertencer à Obra nos faz sentir a alegria de ser parte de uma família de irmãs, Irmãos e Leigos, onde cada um se preocupa pelo crescimento do outro. Nesta podemos partilhar momentos fortes de espiritualidade de serviço apostólico e de fraternidade. A pertença cresce com os anos e amadurece quando conseguimos acolher a Obra com suas luzes e suas sombras e amá-la como nossa verdadeira família. Também os leigos que estão em contato conosco apreciam a **acolhida simples e fraterna** que recebem nas nossas casas. [Contexto III]

III.3.6 Renovar a experiência de sermos Irmãs, junto aos Irmãos e aos Leigos pertencentes à **Família Calabriana**, qual “dom carismático” recebido do Pai.
Este é um dom que nos ajuda a superar qualquer dificuldade de relacionamento entre nós, para chegar a delinejar juntos escolhas e percursos para um caminho de complementariedade na unidade.

III.4.7 Formar-nos, desde as primeiras etapas, à **complementariedade na relação entre Irmãs, Irmãos e Leigos**, para viver com maior intensidade o dom da pertença à Família Calabriana.

III.4.9 Dar continuidade às iniciativas de crescimento espiritual, de diálogo e mútua colaboração com os outros dois **ramos religiosos da Obra** (exercícios espirituais entre os Conselhos, encontros,退iros, etc...)

III.4.10 Favorecer momentos de **condivisão espiritual** e de **formação com a Família Calabriana** (celebrações, exercícios espirituais, encontros entre Conselhos, etc...).

- Do *Instrumentum laboris* do XI Capítulo:

- **Aspectos que constróem a unidade da família calabriana:**
 - **Celebrar juntos**
 - **Rezar todos os dias por todos os membros da Obra.**

- **Falar bem das Irmãs e dos Irmãos**, e dizer fora da Comunidade somente aquilo que ajuda a crescer. A experiência no fez entender como é fácil destruir a confiança e a fraternidade com a murmurção e levar para fora o que acontece na Comunidade.

ALGUNS PASSOS DE CRESCIMENTO A SEREM DADOS JUNTAS:

- **Reforçar a consciência de que ser Irmãos e Irmãs**, pertencentes à mesma Obra, é um “dom Carismático”, que deve nos fazer superar as dificuldades de relação e de diálogo entre nós.
- Tomar a iniciativa em **aumentar a beleza do clima fraternal na Obra**, com gestos de fraternidade e de comunhão.
- **Crescer na comunhão** com os Irmãos, procurando mais aquilo que nos une do que aquilo que nos divide.
- A fraternidade com os Irmãos e os leigos cresça através de pequenos gestos de atenção, de presença, de oração: nutra-se de momentos de partilha da mesa mas principalmente de momentos de formação, celebração e colaboração concreta nas Casas e nas atividades.
- Programar juntos percursos de oração e de partilha com as Comunidades da Obra presentes no mesmo território.
- **Interessar-se mais pela vida da Obra**, conhecer melhor as diversas realidades que a compõem. Conhecermo-nos melhor para nos valorizarmos mais. Para isso, melhorar e incrementar a comunicação.
- **Maior envolvimento das Irmãs nas Comunidades onde se trabalha junto com os Irmãos**, isto principalmente no conselho de família, na gestão, no levar adiante as atividades em comum. Ser mais envolvidas na “programação” e na “atuação” dos projetos onde estamos inseridas. (Vdr. Doc. XI Capítulo Irmãos, C2). **Complementariedade.**
- **Oferecer a nossa vida** cotidiana pela glória de Deus e pelo bem da Obra e do mundo inteiro.

12) “O amor tudo espera”

AL 116. [...] Ligado à palavra anterior, indica a esperança de quem sabe que o outro pode mudar; sempre espera que seja possível um amadurecimento, um inesperado surto de beleza, que as potencialidades mais recônditas do seu ser germinem algum dia. Não significa que, nesta vida, tudo vai mudar; implica aceitar que nem tudo aconteça como se deseja, mas talvez Deus escreva direito por linhas tortas e saiba tirar algum bem dos males que não se conseguem vencer nesta terra.

AL 117. [...] Aquela pessoa, com todas as suas fraquezas, é chamada à plenitude do Céu: lá, completamente transformada pela ressurreição de Cristo, cessarão de existir as suas fraquezas, trevas e patologias; lá, o verdadeiro ser daquela pessoa resplandecerá com toda a sua potência de bem e beleza. Isto permite-nos, no meio das moléstias desta terra, contemplar aquela pessoa com um olhar sobrenatural, à luz da esperança, e aguardar aquela plenitude que, embora hoje não seja visível, há-de receber um dia no Reino celeste.

O meu Eu (o eu de cada uma de nós) não é um Eu cristalizado, rígido, não-transformável; se fosse assim, significaria que existem problemas graves dentro de mim. Eu, ao contrário, como cada ser humano, posso pensar em mim mesma somente como um ser dinâmico, um ser em contínuo movimento e devo pensar assim também quando parece que não estou fazendo nenhum progresso ou que estou sempre na mesma ou, pior ainda, que estou andando pra trás. Preciso olhar-me como uma pessoa em transformação. Isto significa que devo acreditar que posso mudar, acreditar que o Espírito de Deus – se eu estiver disposta a colaborar – pode transformar-me. E devo pensar a mesma coisa de cada Irmã, de cada pessoa.

Esta consciência exige que transformemos o olhar com o qual observamos os outros, que não rotulemos mais ninguém nem nos fechemos em interpretações cheias de preconceito. É um convite também a mudar a percepção de nós mesmas.

III.3.4 Construir relações novas, que saibam reconhecer a sacralidade das Irmãs: “Amar-se como Irmãs e respeitar-se como tantas Rainhas”.⁶

Descobrir as nossas diversidades como riqueza e oportunidade de ir além das simpatias ou antipatias, tendendo a uma verdadeira unidade e buscando, em tudo e sempre, o verdadeiro bem da outra.

⁶Regulamento das Pobres Servas, 1928, n. 7.

13) “O amor tudo suporta”

AL 118. “Tudo suporta” significa que suporta, com espírito positivo, todas as contrariedades. É manter-se firme no meio de um ambiente hostil. Não consiste apenas em tolerar algumas coisas molestas, mas é algo de mais amplo: uma resistência dinâmica e constante, capaz de superar qualquer desafio.

Cfr. AL 119. [...] O amor não se deixa dominar pelo ressentimento, o desprezo das pessoas, o desejo de se lamentar ou vingar alguma coisa. O ideal cristão [...] é amor apesar de tudo, também quando o contexto convida a outra coisa.

O amor que nos torna capazes de crescer juntos, e nos mantém firmes mesmo quando encontramos um ambiente hostil, nos faz fortes para romper a corrente do mal, do pecado.

Estas correntes, às vezes, são externas, fazem parte da sociedade de hoje, da cultura, das pobrezas nas quais estamos mergulhadas, mas às vezes estão dentro de nós, estão na Comunidade, e amarram as nossas relações.

Ir. Anna Bissi oferece-nos uma reflexão sobre alguns instrumentos à disposição de todas, que demonstram como o amor é concreto e pode sempre crescer.

Por exemplo, um destes instrumentos é tomar consciência dos dons que Deus nos dá, dos talentos próprios e dos outros, e fazer dar fruto.

Outro modo é não desanimarmos quando nos parece que nada muda, que nossas relações continuamente dão errado, que sempre caímos nos mesmos defeitos...

Talvez alguns defeitos nossos nos acompanharão por toda a vida, outros, ao contrário, podem ser corrigidos. Mesmo se o nosso pior defeito nos acompanhasse por toda a vida, o fato de apresentar-se com menor frequência significará certamente um progresso no nosso caráter. Consola-nos, além disso, saber que a constante tentativa de superar os próprios limites representa já uma mudança.

Talvez não sejamos capazes de melhorar um aspecto da nossa pessoa que seja muito enraizado e devemos nos render. O que podemos mudar, porém, é o modo de olhar tal defeito: bem diferente é a atitude de quem se defende, desculpando-se, justificando-se ou até mesmo atribuindo aos outros a responsabilidade de seus próprios erros ao invés de reconhecê-los como tais. Tanto o desânimo como a negação do limite são respostas erradas que nos impedem de mudar mas sobre as quais nós, por primeiro, devemos assumir a responsabilidade.

As transformações interiores não acontecem simplesmente graças a uma tomada de consciência. O amadurecimento acontece somente se agimos, se fazemos escolhas e damos passos concretos que por sua vez geram mecanismos de crescimento. Não é necessário realizar grandes coisas: são suficientes ações simples, cotidianas, como pedir desculpas, fazer um gesto bom, manifestar uma atenção cuidadosa, lembrando que melhoramos não só quando buscamos eliminar nossos defeitos, mas também quando nos comprometemos mais seriamente em fazer o bem. A oração será uma companheira útil neste caminho no qual não estamos sozinhos: o Espírito Santo espera que a façamos, para nos dar força e responder ao nosso desejo de crescer e sermos melhores.

Um olhar sobre a nossa vida fraterna...

O amor tudo desculpa, tudo crê (confia), tudo espera, tudo suporta.

1- Procuremos resumir as atitudes concretas que encontramos nas palavras do Papa, nos pontos do documento capitular e nas outras reflexões apresentadas, para cada uma destas quatro expressões. Evidenciamos os aspectos que oferecem mais luz às nossas relações na Comunidade e na Família Calabriana.

➔ Resumamos numa palavra o numa oração o fruto-dom que queremos pedir ao Senhor, ou seja, aquilo que o próprio Espírito nos sugere em assumir como compromisso comunitário. Este “fruto” pode ser escrito e colocado num lugar que seja visível para toda a Comunidade, se possível na Capela.